

CONTOS CHINESES SOBRENATURAIS

Pu Songling e Gan Bao

TRIUMVIRATUS



PU SONGLING

蒲松□

GAN BAO

干寶

CONTOS CHINESES SOBRENATURAIS

超自然的中國故事

2017

TRIUMVIRATUS

www.triumviratus.net

SUMÁRIO

SOBRE A COLETÂNEA

O CADÁVER REDIVIVO (Pu Songling)

O MONSTRO (Gan Bao)

A PELE DO DEMÔNIO (Pu Songling)

A PROMESSA (Gan Bao)

O FANTASMA MORDIDO (Pu Songling)

O REENCONTRO (Gan Bao)

O ESPÍRITO DA MONTANHA (Pu Songling)

CRÉDITOS

SOBRE A COLETÂNEA

Nesta breve antologia, apresentamos ao leitor de língua portuguesa dois dos mais importantes autores do universo fantástico chinês: Gan Bao (c. 285 – 366) e Pu Songling (1640 – 1715). Embora mais de um milênio os separem, irmanam-se, contudo, os escritores na sólida tradição chinesa de narrativas sobrenaturais, cujas origens se perdem no tempo.

Fantasmas que sangram, cadáveres deambulantes que perseguem implacavelmente os vivos, demônios escondidos sob peles humanas, monstros hediondos que atacam os viajantes nas estradas... Eis o universo sobrenatural e imensamente macabro que permeia a literatura fantástica da China.

O CADÁVER REDIVIVO (Pu Songling)

Um velho homem da aldeia de Caidian, na região de Yangxin, abriu, com um filho, uma estalagem improvisada, a algumas milhas entre a aldeia e a capital, para alojar os comerciantes ambulantes. Lá, muitos mercadores costumavam pernoitar.

Certo dia, ao anoitecer, quatro homens chegaram à hospedaria em busca de alojamento. O velho estalajadeiro lhes disse que não restavam quartos desocupados. Mas, receando não encontrar outro lugar que os abrigasse, os quatro viajantes insistiram com o ancião para que os deixasse ficar. Finalmente, o velho cedeu e lhes ofereceu um lugar, embora os advertindo de que o cômodo talvez não lhes fosse do agrado.

— Mesmo que seja um alpendre, não nos importamos. Não temos melindres — disseram os viajantes.

Coincidentemente, a nora do ancião acabara de morrer. Tinham deixado o cadáver num pequeno quarto, enquanto o filho saía para comprar o ataúde. O estalajadeiro levou os viajantes àquele recinto, no outro lado da rua.

Quando penetraram no lugar, os hóspedes vislumbraram uma mesa sobre a qual ardia uma lamparina de azeite. Atrás dela, um dossel separava o leito onde jazia o cadáver, coberto por uma colcha de papel.

Viram, em um lado do quarto, outra alcova com um grande catre. Esgotados pela caminhada, os viajantes, tão logo repousaram suas cabeças nos travesseiros, adormeceram entre sonoros roncoss.

Um deles, que tinha um sono irrequieto, subitamente ouviu um ruído seco, vindo do leito mortuário. Com um estremecimento, abriu os olhos e, à luz da lamparina de azeite, pôde ver como o cadáver da mulher se erguia por sob a colcha de papel, descia do leito e caminhava na direção da alcova onde dormiam ele e seus companheiros.

Seu rosto desprendia um reflexo dourado e em torno de sua testa havia uma fita de seda pura. Ao alcançar o catre, pôs-se a mulher a soprar sobre cada um dos hóspedes adormecidos. Atemorizado, sentindo a

aproximação do cadáver, o quarto hóspede levantou o cobertor e cobriu a cabeça. E, prendendo a respiração, permaneceu escutando. Um instante depois, a defunta acercou-se dele, e, assim como o fizera com os seus companheiros, soprou sobre ele. Em seguida, pareceu-lhe que a mulher se encaminhava para fora da alcova e pôde escutar o ruído da colcha de papel que cobria o cadáver. Ao expor a cabeça para fitar, viu que a defunta estava novamente rígida sobre o leito. Cheio de terror, sem se atrever a emitir o mais breve ruído, deu vários pontapés em seus companheiros, mas estes não se moveram nem um pouco. Desesperado, resolveu agarrar a roupa e sair correndo. Ao levantar-se, quando se dispunha a vestir-se, ouviu novamente aquele ruído seco. Aterrorizado, voltou a meter-se no catre e afundou a cabeça sob a colcha. Outra vez, sentiu que a mulher se aproximava e voltava a soprar-lhe a face, agora com maior insistência, retornando depois ao leito mortuário. Desta feita, o hóspede espichou lentamente a mão por sob o cobertor e, conseguindo agarrar a roupa, saiu, descalço, a correr. De repente, a defunta ergueu-se às suas costas. E, enquanto a mulher afastava-se do dossel, o hóspede abria o ferrolho e debandava-se às carreiras. A defunta saiu em seu encalço.

O homem corria e gritava, mas seus gritos não foram suficientes a que alguém na vila viesse em seu socorro. Pensou em bater à porta do estalajadeiro, mas temia que a defunta o alcançasse quando parasse. Por isso, continuou a correr, fugindo pelo caminho que levava à cidade. Ao chegar aos subúrbios orientais, vislumbrou um templo, de onde vinha o toque do peixe de madeira que os monges batiam em suas orações. Nervoso, lançou-se a chamar à porta, mas os monges consideraram a situação demasiadamente estranha e não o deixaram entrar. O homem olhou para trás por um instante e viu que a defunta estava já muito próxima. Desalojado, sem mais escapatória, viu que junto à porta do templo havia um álamo de mais de um metro de diâmetro, e se escondeu atrás dele, movendo-se para a esquerda ou para direita para safar-se do alcance da defunta, que se mostrava cada vez mais furiosa. A exaustão já deixava a sua marca quando, de repente, o cadáver deteve-se bruscamente. O viajante permaneceu escondido atrás da árvore, suando frio. Enquanto tentava recuperar o fôlego, a defunta recobrou num ímpeto os movimentos, estirando os braços por ambos os flancos do álamo,

tentando agarrá-lo. Completamente aterrorizado, o hóspede desmaiou. Todavia, o cadáver continuou agarrado ao tronco da árvore, como se nele estivesse incrustado.

Os monges estiveram a escutar, às escondidas, por um bom tempo. Quando cessou o tumulto, seguiram, às palpadelas, ao lugar onde jazia o homem. Aproximando dele uma lamparina, pensaram, a princípio, que estivesse morto. Mas perceberam, em seguida, que o seu coração batia levemente. Levaram-no para o interior do templo e, já no final da noite, o homem recobrou a consciência. Os monges lhe deram um caldo e perguntaram-lhe pelo ocorrido. O mercador relatou toda a sua história.

Quando já havia soado o sino que marcava a alvorada, em meio à bruma do amanhecer, os monges saíram para inspecionar a árvore e viram que a defunta lá continuava incrustada. Assombrados, avisaram ao magistrado, que, em pessoa, correu para investigar o sucedido. O magistrado ordenou a seus subalternos que removessem da árvore as mãos da mulher, mas estes foram incapazes de extraí-las do tronco. Quando examinaram mais detalhadamente, verificaram que quatro dedos de ambas as mãos estavam cravados como punhais, com as unhas completamente incrustadas na madeira. Tiveram de recorrer à força conjunta de vários homens para conseguir retirar finalmente o cadáver. Os buracos nos quais os dedos se haviam incrustado pareciam ter sido perfurados. Um servo foi enviado para buscar o ancião na estalagem. Lá, havia-se formado um enorme alvoroço por conta do desaparecimento do cadáver e da descoberta dos três hóspedes mortos. O servo contou o ocorrido e o ancião regressou com ele para levar o cadáver de volta.

O quarto hóspede, chorando, disse ao magistrado:

— Éramos quatro quando saímos, mas agora voltarei sozinho. Como as pessoas de minha aldeia irão acreditar no que aconteceu?

Por isto, o magistrado lhe expediu um certificado e lhe entregou dinheiro e mantimentos para o caminho de regresso.

O MONSTRO (Gan Bao)

Certa feita, seguia um homem sozinho, a cavalo, quando se deparou com um ser assaz estranho no meio do caminho. Era um ente do tamanho de um coelho, dotado de olhos que mais pareciam dois espelhos circulares. O estranho ser plantou-se à frente do cavalo, impedindo-lhe os passos. E tão grandes foram o espanto e o horror causados ao viajante que este despencou do cavalo. Desta situação se aproveitou o monstro para avançar sobre o homem e agarrá-lo. Absolutamente histérico e aterrorizado, o homem desmaiou. Quando, muito tempo depois, recobrou a consciência, procurou verificar, prontamente, se o monstro andava por ali. Nada vendo, decidiu montar o quanto antes e prosseguir a viagem. Transpostas algumas léguas, deparou-se com outro viajante.

— Não sabes como me alegro de seguir na companhia de outrem — disse ele ao desconhecido, uma vez feitas as apresentações de estilo —, sobremodo depois das coisas tão estranhas que acabam de me acontecer.

— Também me alegro imensamente por poder viajar com alguém — respondeu o outro. — Bem vês que eu também andava sozinho. Mas como segues a cavalo, e avanças mais rápido do que eu, que sigo a pé, talvez seja melhor que te adiantes, e eu irei atrás.

Percorreram, em silêncio, um trecho do caminho, até que o viajante lhe perguntou:

— Como dizes que era esse ser monstruoso que encontraste no caminho?

— Ele tinha o corpo como o de um coelho — respondeu o cavaleiro —, dois olhos como espelhos circulares e, enfim, não sei... Era a coisa mais horrível e medonha que já vi.

— Poderias olhar para cá um segundo? — perguntou o que ia atrás.

O homem a cavalo voltou-lhe o rosto.

Ali estava, outra vez, o mesmo ser monstruoso, já saltando à garupa da montaria e pondo o cavaleiro em tal estado de terror que voltou a cair por terra, desmaiado.

A cavalgadura chegou sem cavaleiro a casa. Alarmados, os seus familiares partiram em sua busca sem tardança. Deram com ele a muitas léguas de distância. Estava estirado na valeta. Tardou uma noite para recuperar a consciência. Depois, contou o que lhe acontecera.

A PELE DO DEMÔNIO (Pu Songling)

Em Taiyuan vivia um homem chamado Wang.

Numa certa manhã, estava ele a passear, quando avistou uma jovem que carregava um fardo, procurando avançar rapidamente. Mas, como tropeçava, Wang acelerou o passo e a alcançou. Viu que era uma moça de uns dezesseis anos. Compadecido, perguntou-lhe aonde ia assim, tão cedo e sozinha.

— Um desconhecido como o senhor — respondeu a garota —, não pode mitigar a minha aflição. Por que se dá ao trabalho de perguntar-me?

— Conta-me o teu problema — disse Wang. — Crê que farei por ti tudo o que puder.

— Meus pais — disse ela — amavam o dinheiro. Assim, venderam-me como concubina a uma rica família, cuja esposa é muito ciumenta, a ponto de bater em mim e maltratar-me dia e noite. Como não mais podia suportar tal aflição, fugi.

Wang perguntou à mocinha para onde ia, ao que ela respondeu que uma fugitiva não tinha domicílio fixo.

— A minha casa — disse Wang — não fica muito longe. Queres vir comigo?

A jovem aceitou com alegria a oferta que lhe fora feita. Wang encarregou-se do fardo que a moça levava e a conduziu à sua casa. Lá chegando, como não viu ninguém, a jovem perguntou-lhe onde estava a sua família. Ele respondeu que aquele recinto era apenas a biblioteca.

— E também um lugar muito agradável — disse ela. — Mas, se o senhor quer salvar a minha vida, não deve permitir que alguém saiba que eu estou aqui.

Wang prometeu que não divulgaria o seu segredo e a garota permaneceu ali alguns dias sem que ninguém soubesse de sua presença. Depois, Wang falou sobre a moça à sua mulher. Esta, temendo que a

moçinha pudesse pertencer a uma família influente, aconselhou o marido a despedi-la. Apesar disto, Wang não quis mandar a moça embora.

Certo dia, quando ia à cidade, Wang encontrou um sacerdote taoista que, surpreso, olhou para ele e lhe perguntou o que havia encontrado.

— Não encontrei nada — respondeu Wang.

— Como não? — disse o sacerdote. — Com certeza, estás enfeitiçado. Como me dizes que não encontraste nada?

Mas Wang insistiu, asseverando que, efetivamente, era assim como dizia. O sacerdote partiu, dizendo:

— És mesmo muito tolo. Tens a morte muito perto de ti, mas não sabes disto!

Isto alarmou Wang que, a princípio, pensou na garota. Mas, depois de refletir, concluiu que uma pessoa tão jovem e tão formosa não poderia ser uma bruxa. E passou a suspeitar que o que o sacerdote queria mesmo era fazer um bom negócio.

Quando voltou, a porta da biblioteca estava fechada ele não pôde entrar. Isto o fez suspeitar de que algo não andava bem. Assim que saltou o muro, viu que a porta do cômodo interior também estava fechada. Encaminhando-se com cuidado, olhou pela janela e viu um demônio repugnante, de cara verde e dentes recortados como os de uma serra, que estendia uma pele humana sobre a cama e a pintava com um pincel. Então o demônio deixou o pincel de lado e, sacudindo a pele como se fosse um capote, a pôs sobre os ombros e — oh!... Era a garota. Aterrorizado, Wang fugiu com a cabeça baixa, em busca do sacerdote, embora não soubesse bem onde encontrá-lo. Finalmente, o achou no campo. Lançou-se a seus pés e suplicou que o salvasse.

— Quanto a afugentá-la — disse o sacerdote —, a criatura deve encontrar-se em grandes dificuldades para estar buscando um substituto. Além disso, não posso consentir que se faça mal a um ser vivente.

Todavia, deu a Wang um mata-moscas e ordenou que o pendurasse na porta do dormitório, aceitando vê-lo outra vez no templo de Ch'ing-ti. Wang voltou para casa, mas não se atreveu a entrar na biblioteca. Pendurou o mata-moscas na porta do quarto e, pouco depois, ouviu uns

passos vindos do exterior. Como sentia muito medo, pediu à esposa que observasse o que ocorria fora. A mulher viu a garota a olhar fixamente o mata-moscas, mas não ousava entrar no quarto. Rangeu os dentes e partiu. Voltou, todavia, pouco depois, e começou a lançar maldições, dizendo:

— Tu, sacerdote, não me assustarás. Pensas que vou abandonar o que tenho à mão?

Reduziu a pedaços o mata-moscas e, abrindo a porta com violência, se dirigiu diretamente à cama de Wang. Então, rasgou-lhe o peito com as garras e arrancou-lhe inteiro o coração, levando-o consigo.

A esposa de Wang gritou, e o criado chegou com uma luz. Mas Wang estava morto e tinha um aspecto lastimável. Sua mulher, trêmula de medo, quase não se atrevia a chorar, receando fazer barulho. No dia seguinte, enviou o irmão de Wang em busca do sacerdote. Este ficou furioso e gritou:

— Foi para isto que tive compaixão de ti, demônio?

Dirigiu-se, imediatamente, à casa de Wang, mas a garota havia desaparecido e ninguém sabia do seu paradeiro.

O sacerdote, erguendo a cabeça, inspecionou tudo, e disse:

— Felizmente, ela não está distante.

Então, perguntou quem vivia nas dependências da ala sul, ao que o irmão de Wang respondeu que ele mesmo morava ali. O sacerdote disse que era ali onde ela se encontrava. O irmão de Wang ficou muito assustado e disse não acreditar naquilo. O sacerdote perguntou se algum desconhecido havia estado na moradia. O outro respondeu que, como havia passado todo o dia no templo de Ch'ing-ti, não poderia saber. Mas foi informar-se e, pouco depois, voltou, dizendo-lhe que uma velha mulher havia pedido trabalho como doméstica e que a sua mulher a tinha contratado.

— É ela — disse o sacerdote, quando o irmão de Wang lhe informou que a mulher ainda estava ali.

Então, dirigiram-se, juntos, à residência. Ao chegar, o sacerdote desembainhou a sua espada de madeira e gritou:

— Oh, demônio malnascido, devolve-me o meu mata-moscas!

Entrementes, a nova doméstica, muito alarmada, tentou escapar porta afora. Mas o sacerdote a golpeou, atirando-a ao chão. A pele humana escorregou, exibindo o demônio hediondo que escondia.

O demônio jazia no chão e grunhia como um porco. O sacerdote firmou na mão a espada de madeira e lhe cortou a cabeça. Então a coisa se converteu numa densa coluna de fumaça, que do chão subia em volutas. O sacerdote tomou uma cabaça semiaberta e jogou-a justamente na coluna de fumaça. Ouviu-se um ruído de sucção e toda a coluna foi aspirada pela cabaça. O sacerdote a tampou muito bem, guardando-a na bolsa. A pele estava inteira, com sobrancelhas, olhos, mãos e pés, e ele a enrolou como se fosse um pergaminho. Estava a ponto de partir, quando a esposa de Wang o deteve. Com lágrimas nos olhos, pediu-lhe que devolvesse a vida a seu marido. O sacerdote respondeu que não podia fazer isso. Mas a esposa de Wang lançou-se a seus pés e, com grandes gemidos, implorou a sua ajuda. O sacerdote permaneceu absorto em meditação durante algum tempo. Depois, respondeu:

— Meu poder não alcança o que me pedes. Não posso ressuscitar os mortos. Mas te indicarei quem pode fazê-lo. E se pedires de forma adequada, serás atendida.

A esposa de Wang perguntou quem seria. Ele respondeu:

— Há um louco na cidade que passa o tempo chafurdando na imundície. Ajoelha-te diante dele e suplica-lhe que te ajude. Se ele te insultar, não dê mostras de aborrecimento.

O irmão de Wang conhecia a pessoa a quem o sacerdote aludia. Assim que se despediu do sacerdote, partiu com a cunhada.

Encontraram o pobre infeliz a delirar na rua, tão sujo que somente a duras penas puderam aproximar-se dele. A mulher de Wang ia de joelhos. O louco lhe lançou um olhar lascivo e gritou:

— Tu me amas, minha querida?

A mulher de Wang lhe disse o motivo que a levava ali. Mas o louco ria, dizendo:

— Podes ter muitos outros maridos. Por que ressuscitar o morto?

A mulher de Wang lhe implorava que a ajudasse. Ele disse:

— É muito estranho. As pessoas me pedem que ressuscite os seus mortos como se eu fosse o rei do mundo de além-túmulo.

E deu uma bordoadada na mulher de Wang, que ela suportou sem um lamento, diante de uma multidão de espectadores que gradualmente aumentava.

Depois, o louco pegou uma pílula nauseabunda e disse a mulher que a tomasse. A mulher perdeu o ânimo e foi incapaz de fazê-lo. Mas, por fim, a engoliu. Então o doido gritou:

— Como me amas!

Levantou-se, pois, e se foi, sem mais prestar-lhe atenção.

Seguiram-no ao interior de um templo, implorando-lhe a altas vozes, mas ele havia desaparecido, e todos os esforços que fizeram no intento de encontrá-lo foram debalde. Aturdida pela ira e pela vergonha, a esposa de Wang voltou para casa, onde chorou amargamente sobre seu marido morto, arrependendo-se muito do que havia feito e desejando morrer. Mas considerou que devia preparar o cadáver, pois nenhum dos seus criados ousava aproximar-se. E se concentrou em fechar a terrível ferida que havia ocasionado a morte do esposo.

Enquanto fazia isto, interrompida de vez em quando pelos soluços, ela notou um volume que, pouco a pouco, lhe subia à garganta. Saiu, enfim, com um estalido e caiu sobre a ferida aberta do homem morto. Observando-o detidamente, viu que era um coração humano e este começou a bater, desprendendo um vapor cálido como fumaça.

Excitadíssima, a mulher colocou imediatamente a carne sobre o coração e uniu os dois lados da ferida com toda a sua força. Todavia, logo se sentiu cansada. Mas, percebendo que o vapor escapava pelas gretas, rasgou uma tira de seda e com ela cingiu o peito do marido, ao passo em que tentava reativar a circulação, friccionando o corpo e cobrindo-o com mantas. À noite, retirou as cobertas e descobriu que a respiração fluía pelo nariz. Na manhã seguinte, o seu marido estava novamente vivo, embora estivesse com a cabeça confusa, como se despertasse de um sonho, e

sentisse dor no coração. Onde havia sido ferido, havia uma cicatriz tão grande quanto uma moeda, que pouco depois desapareceu.

A PROMESSA (Gan Bao)

Wang Daoping e Tang — uma donzela tão extremamente bela em seu porte como doce em seu trato — eram dois jovens de uma mesma prefeitura, que se haviam prometido, desde pequenos, amor eterno e casamento.

Wang foi, todavia, recrutado e enviado como oficial para a guerra que eclodira entre as províncias ao Sul do rio Amarelo.

Nove invernos sem regressar do teatro de guerra foram suficientes a que os pais da jovem, vendo que iria passar a idade adequada ao casamento da filha, decidissem conceder a mão da jovem mulher a um homem chamado Liu.

Veementemente, Tang se opôs a tal desígnio — sua promessa para com Wang era absolutamente irretratável —, mas seus pais não a escutaram e a obrigaram a casar-se sem aceitar escusas.

Os três anos seguintes foram para ela uma desfeita constante, e a saudade de Wang parecia sem fim. Foram anos de tão profunda tristeza e de uma inquietação tão pungente que estas puseram fim à sua vida.

Fazia três anos que Tang descera à sepultura quando Wang, retornando do Sul, ao indagar sobre ela aos vizinhos, soube que era morta a sua prometida. Soube, também, que — embora a moça somente a ele tivesse entregado o seu coração — havia sido forçada pelos pais a casar-se com Liu, morrendo, desgostosa, alguns anos depois.

— Onde está o túmulo? — perguntou-lhes Wang.

Os vizinhos lhe indicaram o lugar. Uma vez diante do sepulcro da mulher amada, a angústia e o sofrimento o oprimiram de tal modo que não pôde ele evitar um pranto imenso, em que, gemendo e sem cessar, clamava pelo nome da jovem defunta.

Pouco depois, falou a ela em voz alta:

— Como então eu poderia ter imaginado que o meu posto iria nos afastar por tantos anos, e que teus pais te iriam entregar a outro homem?

Eu, que jamais pensei em romper a nossa promessa de amor, agora vejo que a vida nos conduziu por caminhos impossíveis de juntar — a senda dos vivos e a dos mortos —, arrebatando-nos a possibilidade de cumpri-la. Se tu ainda estás aí dentro, mesmo que somente em espírito, gostaria de ver-te a face mais uma vez, como se ainda viva estivesses. Mas, se não estás aí, ir-me-ei embora sem jamais ver-te novamente.

Tendo disto isto, afastou-se da tumba e começou a ir e vir, cheio de angústia e ansiedade, até que, de fato, da tumba saiu o espírito da mulher, que lhe disse:

— Foram tantos anos sem que tu regressasses, Wang, que os meus pais me casaram, contra a minha vontade, com outro homem. Havíamos prometido, um ao outro, um amor sem fim, e eu continuei a amar-te imensamente, desejando sempre a tua presença. E tão longa foi a tua ausência que padeci de sofrimento e saudades durante os três anos de meu casamento forçado. Por isto, agora, estou imersa neste mundo de escuridão e trevas. Mas nada te elidiu de minha mente, nada apagou este amor que ainda sinto por ti. Então, escuta-me. Ouve-me bem, porque o meu corpo se conserva incorrupto até agora. Posso, ainda, renascer e ser a tua esposa. Abre este sepulcro o quanto antes, acarinha-me e viverei.

Wang considerou cuidadosamente aquelas palavras. Abrir a tumba significava delinquir, violar os ritos sacrossantos. Mas quebrou a lápide, abriu o ataúde e ali encontrou a mulher. Acariciou a sua face e viu que ela revivia. Logo ela se recompôs e se foi com ele.

Pouco dias depois, o marido de Tang tomou conhecimento do que acontecera. Surpreso ao extremo, incriminou Wang perante o juiz provincial. Fizeram-se as devidas investigações e o veredito foi este:

— Não há lei que discipline o sucedido.

Assim que a notícia daquele caso tão extraordinário foi submetida ao imperador, decidiu o monarca que Tang podia viver com Wang na qualidade de esposa. Viveram juntos até a idade de cento e trinta anos, como recompensa divina por sua fidelidade e uma recíproca promessa que fizera tremer Céu e Terra.

O FANTASMA MORDIDO (Pu Songling)

Eis a história que me contou Chen Li-Cheng:

Certo amigo seu, já idoso, estava deitado, à hora da sesta de um dia de verão, quando viu, meio adormecido, a vaga figura de uma mulher que, eludindo a porteira, introduzia-se na casa vestida de luto: touca branca, túnica e saia de cânhamo. Dirigiu-se aos cômodos interiores e o velho, a princípio, pensou que era uma vizinha que lhe fazia uma visita. Então, ele pensou: “como alguém se atreveria a entrar em casa alheia com semelhante indumentária?”

Enquanto permanecia imerso na perplexidade, a mulher voltou sobre os próprios passos e penetrou no quarto. O velho homem a examinou atentamente: teria a mulher uns trinta anos. O tom amarelado de sua pele, o seu rosto intumescido e o seu olhar sombrio conferiam-lhe um aspecto terrível. Ia e vinha pelo quarto, aparentemente sem qualquer intenção de abandoná-lo. Aproximou-se da cama. Ele fingia dormir para melhor observar os seus movimentos.

De repente, ela levantou um pouco a saia e saltou para a cama, sentando-se no ventre do ancião. Parecia pesar três mil libras. O velho homem conservava por completo a lucidez, mas, quando tentou erguer a mão, encontrou-a como que agrilhoadada. Tentou mover um pé, mas este estava paralisado. Abrumado de terror, tratou de gritar, mas, infelizmente, não era dono da própria voz. Entrementes, a hedionda mulher fuçava-lhe o rosto, as bochechas, o nariz, as sobrancelhas, a testa. Por todo o rosto, o ancião sentiu o seu hálito, cujo sopro gelado penetrava-lhe até os ossos. Imaginou, então, um stratagem para livrar-se daquela angústia: quando ela chegasse ao queixo, ele tentaria mordê-la. Pouco depois a mulher, de fato, inclinou-se para farejar-lhe o queixo. E o velho a mordeu com todas as suas forças, tanto que os dentes penetraram na carne.

Sob o impacto da dor, a mulher atirou-se ao chão, debatendo-se e chorando, enquanto ele apertava as mandíbulas com mais energia. O sangue escorria pelo queixo do ancião e inundava-lhe o travesseiro. Em

meio a esta luta encarniçada, o velho ouviu, vinda do pátio, a voz de sua mulher.

— Um fantasma! — ele gritou imediatamente.

Mas, assim que abriu a boca, a entidade monstruosa desapareceu com um suspiro.

A mulher correu à cabeceira do marido. Como não viu nada, zombou da ilusão causada — pensou ela — por um pesadelo. Mas o velho insistiu em sua narrativa e, como prova palpável, lhe mostrou a mancha de sangue: parecia água que penetrara por uma fissura do teto e empapara o travesseiro e o tapete. O velho aproximou o rosto da mancha e respirou uma emanção pútrida. Sentiu-se dominado por um violento acesso de vômitos e, durante muitos dias, permaneceu com a boca empestada, donde fluía um hálito nauseabundo.

O REENCONTRO (Gan Bao)

No segundo ano do reinado do imperador Jing, da dinastia Han, na prefeitura de Yingling, vivia um homem capaz de provocar encontros entre vivos e mortos.

— Daria a minha vida para voltar a ver a minha mulher — disse-lhe, certo dia, um vizinho, há muitos anos viúvo.

— Eu te ajudarei. Tu hás de vê-la novamente — respondeu o homem. — Mas deves ouvir-me com atenção. Se, quando estiveres com ela, escutares o som de tambores, deverás fugir rapidamente. Compreendeste-me bem?

O vizinho assentiu. O homem explicou-lhe como achar a mulher e, pouco tempo depois, ele encontrou a esposa falecida e falou-lhe. Ao mesmo tempo triste e feliz, abraçou-se a ela com a emoção do reencontro. E assim passaram as horas, até que se ouviram os tambores.

Então, enquanto ele cruzava o umbral, a sua túnica enganchou-se na dobradiça da porta. Teve que desenganchá-la com um puxão e perdeu, assim, um pedaço de pano.

Ao cabo de um ano, chegou-lhe a hora de morrer. Foram enterrá-lo e, já no mausoléu da família, todos viram um farrapo de pano enganchado na lápide da tumba de sua esposa.

O ESPÍRITO DA MONTANHA (Pu Songling)

Eis o que Sun Taibai me contou:

Meu bisavô estudava num mosteiro budista da Ravina dos Salgueiros, na região das montanhas Nanshan. Voltou ele à sua aldeia para ali passar dez dias, durante a temporada de colheita de trigo, e depois retornou ao templo. Ao abrir a porta de seu estúdio, encontrou-o coberto de pó e a janela cheia de teias de aranha. Mandou um servo cuidar do recinto, mas, até o cair da noite, o estúdio não estava suficientemente limpo.

Preparou a cama, passou o ferrolho na porta e deitou-se. A luz da Lua entrava pela janela. Naquele ambiente, reinava um silêncio sepulcral. De repente, ouviu o barulho do vento e o rangido de uma das portas externas do templo. Pensou que, provavelmente, um dos monges esquecera-se de fechá-la a contento. Em questão de instantes, percebeu que o som se aproximava cada vez mais até que, subitamente, a porta exterior se abriu. Aquilo lhe pareceu muito estranho. Então, escutou o ruído produzido por passos de botas acercando-se paulatinamente de seu estúdio. Ficou aterrorizado. De repente, a porta de seu quarto se abriu e, sem acreditar, viu um grande espírito que se inclinava para ali penetrar. Quando o espectro entrou, postou-se, de pé, justamente em frente à cama, quase roçando o teto com a cabeça.

Sua cara era como uma cabaça ressecada e seus olhos, que emitiam um brilho ofuscante, percorreram todo o estúdio. Abriu a sua grande boca, do tamanho de uma pia, deixando ver os dentes, que mediam cerca de quatro polegadas, ao passo em que movia a língua e emitia um som gutural, que fez retumbar as quatro paredes do recinto. Meu bisavô estava dominado pelo mais absoluto terror, mas pensou que, sendo tão pequeno o ambiente, não havia como escapar dali. Assim, a única coisa que podia fazer era enfrentar o fantasma. Puxou uma faca que escondia sob o travesseiro e, resoluto, a cravou no ventre do espírito, produzindo um som semelhante ao triturar de pedras. O espectro enfureceu-se tanto que estendeu suas afiadas garras para apanhar o meu bisavô, mas este conseguiu lançar-se para trás. Então, o espírito agarrou a colcha da cama,

lançou-a no chão, e avançou, furioso. Meu bisavô também caiu com ela e ficou no chão, gritando de pavor.

Os servos chegaram, correndo, com tochas, mas não havia como abrir a porta, de modo que entraram pela janela. Quando viram o meu bisavô no chão, e o estado de devastação do quarto, ficaram totalmente aterrorizados. Imediatamente, ajudaram-no a deitar-se na cama e este lhes contou o que havia ocorrido. Então, os servos examinaram o lugar e vislumbraram a extremidade da grande colcha, que se enganchara na fenda da porta, quando esta fora fechada. Abrindo a porta para examinar a colcha sob a luz das tochas, encontraram-na perfurada como uma peneira. Havia buracos em todos os lugares onde o espírito havia fincado os seus dedos.

Quando amanheceu, ninguém se atreveu a ficar mais tempo ali. Então, fizeram as malas e rumaram de volta à aldeia.

Posteriormente, indagado sobre o acontecimento, um monge afirmou que nada de extraordinário voltara a ocorrer naquele mosteiro.

CRÉDITOS

CONTOS CHINESES SOBRENATURAIS

Pu Songling (1640 – 1715), Gan Bao (c. 285 – 366).

Textos originais de domínio público (Lei nº 9.610/1998, art. 43).

Versão em português (tradução indireta e adaptação textual): Paulo Soriano.

Revisão: Rogério Silvério de Farias e Luciana Oliveira.

Série Clássicos do Horror nº 20.

Imagem da capa: Utagawa Toyokuni (1769 – 1825).

© da versão em português: Paulo Soriano.

Edições TRIUMVIRATUS, MMXVII.

edicoestriumviratus@gmail.com

<http://www.triumviratus.net>

www.triumviratus.com.br

<http://triumviratus.weebly.com>

O objetivo das **Edições Triumviratus** é levar ao leitor de língua portuguesa obras de clássicos da literatura, sobretudo fantástica, escritas por grandes mestres da Literatura Universal. Muitos de nossos livros eletrônicos contêm obras raras de grandes autores.

As traduções são **originais e exclusivas** ou de **domínio público**.

A **Série Clássicos do Horror** apresenta, a cada edição, uma antologia de contos de consagrados autores do gênero, abrangendo determinado tema terrífico.